

A VISITA TÉCNICA COMO FERRAMENTA PARA COMPREENSÃO DAS PAISAGENS BIOGEOGRÁFICAS COSTEIRAS: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS

Lucas Santana Braga[1]
Railan Ferreira dos Anjos[2]
Aline Franco Diniz[3]

Palavras-chave: Análise da Paisagem; Biogeografia; Visita Técnica.

INTRODUÇÃO

As paisagens biogeográficas presente no ambiente costeiro revelam a beleza e exuberância dos ecossistemas (praias, restingas, manguezais, recifes de corais, estuários e dunas), que integram uma imensa biodiversidade, sendo sustentada por uma geomorfologia complexa e diversificada. Nesse sentido, os sistemas ambientais costeiros e marinhos, no Brasil, são extraordinariamente diversos. Permeiam em uma ampla variação latitudinal, desde a foz do rio Oiapoque/AP (04º 52' 45'' N) até a foz do rio Chuí/RS (33º 45' 10'' S), sendo, então, submetidos a grande dinâmica climática, geomorfológica e oceanográfica. (Vannucci, 2002).

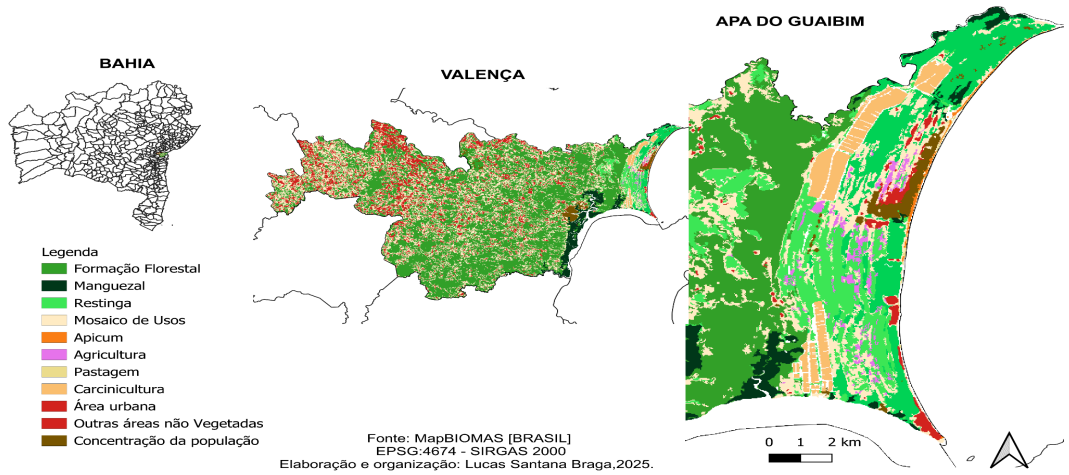
Este trabalho justifica-se pela discussão da importância do estudo da Biogeografia por meio da visita técnica para formação de futuros professores de Geografia. As visitas técnicas devem ser participativas de forma horizontal, onde o discente consiga assimilar os conteúdos na prática, criando relações para pedagogização nas salas de aula com base na visão biogeográfica, sobretudo, a escala local mais próxima a realidade do aluno. Nesse sentido, essa pesquisa tem como objetivo discutir a importância do ambiente costeiro do distrito de Guaibim (Valença – Bahia - Brasil), bem como pontuar as principais reflexões e

[1] Discente do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado da Bahia, Campus V - Santo Antônio de Jesus. E-mail: lucassb2021@gmail.com.
[2] Discente do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado da Bahia, Campus V - Santo Antônio de Jesus. E-mail: E-mail:rairailanferreira@gmail.com.
[3] Professora Doutora em Geografia Física do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado da Bahia, Campus V - Santo Antônio de Jesus. E-mail: alinediniz@uneb.br.

aprendizados dos estudantes do 5º semestre e 6º semestre do curso de Licenciatura em Geografia do Departamento de Ciências Humanas (DCH) da Universidade do Estado da Bahia, Campus V - Santo Antônio de Jesus.

A área de estudo escolhida é o distrito de Guaibim, que pertence ao município de Valença (Bahia-Brasil) a cerca de 120 km da capital baiana (Figura 01). O litoral em estudo se configura Área de Proteção Ambiental (APA) do Guaibim, que foi instituída pelo decreto Estadual nº 1.164 de 11 de maio de 1992. Quanto ao domínio vegetacional, destacam-se a mata atlântica (Floresta ombrófila densa) secundária e um desmatamento intenso para a pastagem. O clima é tropical úmido caracterizado como B4rA' de acordo com Thornthwaite (1948), com 20 precipitações pluviométricas elevadas e equitativas interanual de (2.082,8 mm/ano), temperaturas do ar elevadas (25,1Cº) e déficit hídrico variado, elementos que contribuem para cultivos agrícolas que necessitam de altas taxas hídricas em seu sistema.

Figura 01. Cobertura vegetal e uso da terra na APA do Guaibim-BA, 2023.



Fonte: MapBiomas (2023).

A mudança drástica na paisagem provocada por diversas intervenções antrópicas gerou um desequilíbrio ambiental na região. De início, podemos indicar como risco ambiental o avanço das construções residências no manguezal, em consonância da falta de planejamento urbano, que conforme o Código Florestal (Lei nº 12.651/2012), é necessário manter uma faixa de preservação mínima de 30 metros ao redor dos manguezais. Além disso, um fator atuante é a produção de camarão em grandes fazendas da região, que também influencia na alteração da paisagem (Braga; Franco, 2024)

PERCURSO METODOLÓGICO

Trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório qualitativo com visitas técnicas com as turmas do componente curricular Biogeografia (5ºsemestre) e o componente curricular Introdução à Geografia Física (6º semestre) nos dias 09/07/2024 e 10/07/2024. No pré-campo foi realizado o levantamento bibliográfico, documental e cartográfico a respeito da área de estudo; no campo (*in loco*), propriamente dito, proporcionando vivências experienciadas nas paisagens biogeográficas: praia, restingas, manguezais e remanescentes

da mata atlântica e as principais intervenções antrópicas. E por fim, o pós-campo que foi solicitado um relatório de visita técnica para relação da teoria e prática nos estudos biogeográficos. Além disso, um formulário eletrônico foi aplicado para pontuar as reflexões e aprendizados na área de estudo.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

As visitas técnicas, são em si atividades de suma relevância para a formação docente em Geografia. A partir delas torna-se possível uma observação horizontal e integrada do espaço geográfico, permitindo o diálogo direto e indireto entre diversos conhecimentos e práticas voltadas à análise *in loco* de processos sociais, físicos, históricos e biológicos.

De acordo com Monezi (2005) a visita técnica possui um caráter voltado à complementação do ensino e da aprendizagem, permitindo a observação de conceitos, geralmente discutidos, durante as aulas em sala. Essa atividade prática se apresenta, enquanto um recurso didático-pedagógico que garante aos envolvidos sentirem o espaço visitado e analisar de perto sua organização, isso para o processo educativo, é algo significativo repleto de aprendizagens.

A visita técnica como metodologia para o ensino e formação docente em Geografia, possibilita relaciona-se às diversas possibilidades de compreensão do espaço de vivência. Estabelecendo, conexões entre o conhecimento da sala de aula e da realidade socioespacial. Trazendo para o estudo em questão, a biodiversidade presente nos biomas espalhados no planeta, leva em consideração a dinâmica dos seres vivos tendo como pontos de análise "a distribuição, a adaptação, a expansão e associação das plantas e dos animais (ou seres vivos)" (Dansereau, 1949). Nesse contexto, o sistema ambiental costeiro e marinho contempla inúmeras potencialidades de estudo sejam nos aspectos físicos, biológicos e climatológicos.

A primeira parada foi no Morro do Paripe na APA do Guaibim, sendo possível pontuar uma densa biodiversidade de arbóreas e herbáceas das restingas e mata atlântica, bem como o processo de intemperismo físico e biológico, que causa alterações nas rochas **(Figura 02)**. Depois, seguimos em direção a praia de Guaibim com objetivo de conhecer o ecossistema manguezal e sua biodiversidade da fauna e flora.

Figura 02. Estudantes na APA do Guaibim **Figura 03**. Manguezal da Praia de Taquari.



Fonte: Acervo pessoal, Valença - BA (2024).

Por outro lado, encontramos um forte processo de degradação influenciado pelo turismo, especulação imobiliária, ausência da implementação de políticas públicas ambientais, a citar como exemplos o avanço das residências de veraneio no manguezal e descarte irregular do lixo pela rede hoteleira (Figuras 04 e 05).

Figura 04. Descarte incorreto do lixo. **Figura 05**. Avanço da propriedade privada no manguezal.



Fonte: Acervo pessoal, Valença - BA (2024).

Após a visita técnica às áreas costeiras no distrito de Guaibim, Valença - BA, os discentes do curso de Geografia, expressaram através de um questionário digital suas percepções e reflexões acerca do local observado, analisando a importância da visita técnica para formação docente e os impactos ambientais observadas na área de estudo.

Através das narrativas, ficou perceptível a importância da atividade para a capacitação docente/pesquisador(a), demonstrando uma observação sensível sobre o espaço, especificamente ao manguezal e os impactos socioambientais presentes sobre sua delimitação espacial. Escrever um discente:

> Durante a visita, foi possível perceber a importância ecológica do manguezal, como berçário natural de diversas espécies, além de sua função na proteção costeira contra erosões e na regulação do clima local. Por outro lado, também foram evidenciados os impactos das atividades humanas, como a poluição, a ocupação irregular e a degradação ambiental, o que trouxe reflexões profundas sobre os desafios da gestão ambiental e da sustentabilidade. Essa vivência contribui diretamente para a formação crítica e sensível do(a) futuro(a) geógrafo(a), pois fortalece a capacidade de análise in loco, o desenvolvimento de habilidades investigativas e a compreensão das realidades socioambientais. Além disso, amplia a percepção sobre o papel social do educador e pesquisador na construção de uma educação geográfica comprometida com a preservação ambiental e a justiça socioespacial (Discente 01, 2025).

Com essa reflexão é perceptível observar as contribuições da visita técnica para que o discente possa analisar o manguezal para além das suas funções ecossistêmicas, como também os impactos socioambientais que o habitat local vem sofrendo, além de identificar os principais causadores e os desafios para a solução desse problema consistente. Outro discente expôs seu relato:

> As atividades como as visitas técnicas são fundamentais para a formação docente e de um (a) pesquisador (a), pois nos proporciona aprender na prática, tornando possível analisar o ambiente e os fenômenos que ocorrem nele. Na visita técnica

> à Guaibim, foi possível observar de perto os fenômenos de poluição e degradação ambiental, o que tornou nítido o problema que antes era apenas cogitado por nós, sendo possível analisar o real impacto desses problemas sobre a flora e fauna local (Discente 02, 2025).

Ao dialogarmos essa reflexão o que aponta Lopes; Brito (2021) evidencia a importância das visitas técnicas como instrumento de articulação entre o conhecimento teórico e a prática profissional, proporcionando como base concreta para iniciação científica por meio da observação direta da realidade. Além de dinamizar e contextualizar o processo de ensino/aprendizagem. Em complemento mais uma discente escreveu sua experiência:

> Eu achei a visita técnica muito proveitosa para uma atividade prática. Foi a primeira vez que adentrei em um manguezal e pude ver suas riquezas e sua depredação frente às ações humanas, como latas de cerveja, pedaços de redes no mesmo espaço que a biodiversidade do manguezal. O encontro entre o rio e o mar e as proximidades com o manguezal me deixou fascinada, porque até então só havia visto isso nos livros quando estudamos sobre bacias hidrográficas no componente curricular Hidrografia (Discente 03, 2025).

Esse foi uns dos relatos mais impactantes, pois ela apresentou o quão importante e significativa foi a visita técnica, a qual garantiu uma primeira vivência singular para a discente, que pôde observar de perto uma das principais características dos locais onde os manguezais se encontram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oportunidade da visita técnica propiciou novas visões acerca dos ambientes costeiros, a valorização dos serviços ecossistêmicos, educação ambiental para futuras intervenções dentro e fora da sala de aula, além disso puderam mensurar como as paisagens biogeográficas refletem as carências de conservação dos manguezais da APA do Guaibim diante das políticas ambientais na esfera municipal e estadual.

Posteriormente, as experiências vivenciadas despertaram interesse em pesquisar o ambiente costeiro, participar de eventos científicos (Congresso Iberoamericano de Biogeografia - USP) e monitorias de ensino voluntária; além disso desenvolveram materiais didáticos para expor no II Colóquio de Geografia UNEB - DCH5. Portanto, o entendimento das paisagens biogeográficas sucedeu de forma significativa e potencializadora na análise crítica do espaço geográfico enquanto futuros professores e professoras de Geografia.

REFERÊNCIAS

1. BRAGA, L. S; FRANCO, A. **Biogeografia E Manguezal: Um Olhar Para Os Impactos Socioambientais Do Litoral De Valença-Bahia-Brasil**. In: . Disponível em:https//www.even3.com.br/anais/Biogeografia-icbb-Iiicib-Xiiiceb/901766-Biogeografia-E-Manguezal--Um-Olhar-Para-Os-Impactos-Socioambientais-Do-Litoral-De-Valenca-Bahia-Brasil. Acesso em: 02/05/2025.

2. DANSEREAU, P. **Introdução à Biogeografia**. Revista Brasileira de Geografia, XI (1): 1-85, 1949.

3. LOPES, T. de S; BRITO, S. C. A. A. **Importância Da Visita Técnica: Um Estudo De Caso Dos Alunos Do Curso Técnico Da E.E Imaculada Conceição Em Pedro Leopoldo/Mg.** Revista Realize Editora. VII Congresso Nacional de Educação (CONEDU). Maceió, Al. 2021. Disponível em: >https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2021/TRABALHO_EV151_MD1_SA120_ID9333_29072021160408.pdf. Acesso em 01 de mai. 2025.

4. MONEZI, C. A. **A Visita Técnica Como Recurso Metodológico Aplicado Ao Curso De Engenharia**. XXXIII Congresso Brasileiro de Ensino de Engenharia - COBENGE. Capinhas Grande, PB, 2005. Disponível em:> https://editorarealize.com.br/editora/anais/enalic/2018/443-55887-29112018-111354.pdf. Acesso em: 01 de mai. 2025.

5. VANNUCCI, M. **Os Manguezais e Nós: Uma Síntese de Percepções**; versão em português Denise Navas-Pereira-2.ed.revista e ampliada- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.